

HOT news 11

BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL HOT CLUBE PORTUGAL DEZ'15

25th

IA
SJ

Jazz
Meeting

International
Association
of Schools
of Jazz

Lisbon



HCPJAN'16

2 SÁBADO

Mário Laginha Trio

MÁRIO LAGINHA pno
BERNARDO MOREIRA ctb
ALEXANDRE FRAZÃO bat

7/8/9 QUINTA A SÁBADO

João Barradas Quinteto

JOÃO BARRADAS acordeão
ANDRÉ FERNANDES guitar
JOÃO PAULO E. SILVA pno
ANDRÉ ROSINHA ctb
BRUNO PEDROSO bat

14/15/16 QUINTA A SÁBADO

Maria João & Leo Tardin

SONGING
MARIA JOÃO voz
LEO TARDIN pno

21/22/23 QUINTA A SÁBADO

Loft

RUI PEREIRA bat
ÓSCAR M. GRAÇA pno / teclados
JOSÉ PEDRO COELHO sax ten
NUNO COSTA guitar
JEFFERY DAVIS vibrafone

27 QUARTA

7Teto do Hot Club de Portugal

BRUNO SANTOS guitar
DIOGO DUQUE tp
PEDRO MOREIRA sax t
RICARDO TOSCANO sax a
ROMEU TRISTÃO ctb
JOÃO PEREIRA bat
JOANA MACHADO voz

28 QUINTA

Songbird

LUÍS FIGUEIREDO pno
JOÃO HASSELBERG ctb
APRESENTAÇÃO DO DISCO
SONGBIRD — VOL. I

29/30 SEXTA / SÁBADO

Negro / Rosinha / Furtado

ROBERTO NEGRO pno
ANDRÉ ROSINHA ctb
VASCO FURTADO bat

HCPFEV

4/5/6 QUINTA A SÁBADO

Pedro Madaleno

PEDRO MADALENO guitar
DIOGO VIDA pno
JOÃO BARRADAS acordeão
YURI DANIEL bx
BRUNO PEDROSO bat
JOÃO DAVID ALMEIDA voz; guit

11/12/13 QUINTA A SÁBADO

César Latorre Trio

CÉSAR LATORRE pno
JOÃO HASSELBERG ctb
RUI PEREIRA bat

16/13/20 JAN

QUARTAS-FEIRAS

ENTRADA LIVRE

jam sessions
com Sérgio Pelágio
(guitar)

Porque é que não conseguimos exportar o pastel de nata?

Santos Pereira, 12.12.2012 (Ministro da Economia e do Emprego no XIX Governo Constitucional de Portugal)

O que falta ao Jazz português é capacidade de internacionalização.

Inês Cunha, 30.04.2013

“Banda sonora para o pastel de nata”

Título de uma notícia do Correio da Manhã em 2013, comentando as minhas declarações dadas à rádio no Dia Internacional do Jazz (30 de abril).

Esta Direcção foi reeleita no passado dia 30 de Novembro. Na Assembleia Geral desse dia tivemos a oportunidade de explicar quais os objectivos para o Clube nos próximos anos. Parece-nos fundamental que a actividade do Clube e da Escola, alargue os seus horizontes e seja divulgada fora das nossas fronteiras. A famosa internacionalização.

O encontro do IASJ e, o sucesso obtido, proporcionou o terreno ideal para darmos um maior impulso a esta nova fase. Tivemos aqui músicos, professores, promotores e estudantes de todo o mundo que ficaram a conhecer o que fazemos, e o rigor e a energia com que o fazemos. Pretendemos potenciar esses contactos e promover o cruzamento de experiências, linguagens e formas de ensinar. A minha declaração feita no Dia Internacional do Jazz foi, na verdade, a resposta a uma pergunta: “Se, como afirma, o jazz feito em Portugal é de facto tão bom como o que é feito em qualquer parte do mundo, o que é que falta ao jazz português?”

Só isto: uma estratégia firme de internacionalização, um esforço conjunto de divulgação, uma “montra”. À boleia de uns pastéis de nata, com o apoio de algum ministro da Economia, ou da Cultura, levar lá fora o jazz feito em Portugal.

Inês Cunha

4
DAVID GAUSDEN
UM LUGAR NO JAZZ PORTUGUÊS

6
DAVID GAUSDEN
ALGUNS DEPOIMENTOS

7
IASJ'15
25 ANOS DEPOIS, EM LISBOA

8
IASJ'15
UNIVERSIDADE LUSÍADA, HOT CLUBE E AS NAÇÕES UNIDAS DO ENSINO DO JAZZ

10
UMA GUITARRA HAVAIANA NO NÚCLEO MUSEOLÓGICO

11
O JAZZ E O BOXE

12
EDIFÍCIO DA STANDARD ELÉCTRICA

14
EM CONVERSA COM JORGE REIS
ENTREVISTA

16
O PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO, JAZZ EM PORTUGAL OS LEGADOS DE LUIZ VILLAS-BOAS E DO HOT CLUBE DE PORTUGAL: APRESENTAÇÃO DE ALGUNS RESULTADOS

17
A CRESCER E A OFERECER JAZZ OS ATELIERS DE INICIAÇÃO

18
7TO HOT CLUBE DE PORTUGAL VOL.2

19
OIÇAM LÁ ISTO AS ESCOLHAS DE...

20
POST-IT MEMÓRIAS DO HCP

HOTnews 11
DEZEMBRO 2015

Direcção Inês Cunha / Colaboram neste número Inês Cunha, Bruno Santos, Luís Hilário, Sérgio Pelágio, Gonçalo Marques, Rui Martins, Mário Franco, Maria João, João Pedro Madaleno, José Peixoto, António Pinto, Carlos Martins, Ricardo Pinheiro, Gonçalo Campos, Bernardo Moreira, Miguel Lourenço, Ricardo Toscano e André Santos
Design gráfico / paginação / revisão © HOTdog / Capa ilustração © Ana Luísa Bouza / Produção Luis Guilherme Cunha

HOT CLUBE DE PORTUGAL Presidente da Mesa da Assembleia Geral Bernardo Moreira / Presidente do Conselho Directivo Inês Cunha / Presidente do Conselho Fiscal José Sousa Soares / **SEDE** Praça da Alegria, 48, 1250-004 Lisboa / Tel 213 460 305 **ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS** Director pedagógico Bruno Santos **MORADA** Travessa da Galé, n.º 36, 1.º andar, 1300-263 Lisboa / Tel 213 619 740 / Fax 213 619 748

A HOTNEWS É ESCRITA DE ACORDO COM A ANTIGA ORTOGRAFIA.



INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA
PRÉMIO ALMADA NEGREIROS 2001
MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA
MEDALHA DE HONRA DA CIDADE DE LISBOA
MEDALHA DE HONRA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
MEMBRO FUNDADOR DA INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOLS OF JAZZ

HOTNEWS É O BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL DO HOT CLUBE PORTUGAL

WWW.HCP.PT
HCP@HCP.PT
WWW.FACEBOOK.COM/HOTCLUBEDEPORTUGAL

DAVID GAUSDEN

UM LUGAR NO JAZZ PORTUGUÊS



David Gausden por Sérgio Pelágio

O David Gausden é um contrabaixista e músico de Jazz que viveu em Portugal até há pouco tempo e que por motivo de doença, teve de deixar de tocar, ficou sem trabalho e acabou por regressar aos Estados Unidos. Apesar da sua enorme contribuição para o desenvolvimento do Jazz no nosso país, o David nunca procurou nenhum tipo de protagonismo e talvez por isso, é hoje uma figura injustamente esquecida. Por essa razão, tomei a iniciativa de organizar este pequeno artigo para a revista do Hot Clube de Portugal, instituição onde ele trabalhou e à qual tanto deu, esperando contribuir para que o nome do David ocupe o lugar que merece na história do Jazz em Portugal.

Para tal, contei com depoimentos de alguns músicos que, no mesmo período que eu, estudaram e/ou tocaram com o David. Refiro-me ao início dos anos 80. Pedi ainda apoio ao Rui Martins, director do Hot Clube na altura, amigo, organizador e colaborador do David em imensas aventuras. O David foi o primeiro contrabaixista com quem toquei. Lisboa era uma cidade diferente, cinzenta, altamente provinciana, longe de tudo. Para mim, muito jovem na altura, o Hot Clube era o David. Ele dava aulas na escola do clube durante o dia e à noite tocava com toda a gente que por lá passava. Para além da sua extrema generosidade e humildade, o David tinha sempre tempo para nós, para esclarecer dúvidas, para apoiar os nossos projectos e primeiros grupos. Ele percebeu o país que encontrou e fez o que era mais importante fazer na altura: estimular toda a gente, fosse qual fosse o seu *background* musical, talento ou dedicação. O importante era divulgar a prática do Jazz. E foi muito bem sucedido: grande parte do ambiente fabuloso que se vivia no clube nessa altura, foi graças ao David, à sua energia e ao seu conhecimento enciclopédico. A criatividade transbordava por todos os lados e se hoje o Jazz é caracterizado pela abertura a todas as influências e mais algumas, pelo menos por cá, o David foi essencial para que esse espírito de abertura prevalecesse. Ele tinha gravações incríveis de tudo, desde discos raros a gravações "pirata" de concertos nos clubes de Nova Iorque que os amigos lhe enviavam. Lembro-me de que me passou ao mesmo tempo uma cassette do Wes Montgomery e outra do John Abercrombie Quartet. Foi ainda ele que me deu a ouvir o Kenny Wheeler pela primeira vez, cuja música ainda havia quem questionasse se era Jazz ou não.

Para o David, não haviam incompatibilidades entre correntes ou épocas. Essa questão era pura e simplesmente desinteressante e, segundo ele, não levava a lado nenhum. Havia espaço para todos. Tratava-se apenas de grande música. Se isto hoje é um dado adquirido, garanto-vos que à época não era o pensamento geral. Muito obrigado David!

Uma das muitas coisas boas da minha (demasiado) longa permanência na direcção do Hot foi a oportunidade de conhecer, conviver e trabalhar com tipos como o David Gausden!

O caso do David e da sua relação com a Escola, é triste e paradoxal. E é quase impossível analisá-lo sem evocar o paralelismo com a outra grande figura da sua história, o José Eduardo. O paradoxo é verificar como duas pessoas, de personalidades tão diferentes (antagónicas mesmo) e posturas de vida tão dissemelhantes, passando numa mesma instituição em momentos históricos diferentes, fazem no entanto um trabalho tão complementar um do outro, tão no seguimento um do outro, tão semelhante em métodos, objectivos e resultados.

A tristeza é verificar como um, o José Eduardo, obteve em parte o reconhecimento que lhe é devido (apesar de uma injusta secundarização para a avassaladora figura de Luiz Villas-Boas) enquanto que o outro, o David Gausden, só agora parece ir sair — pela acção do Sergio Pelágio e da Direcção do Hot — do injusto esquecimento.

A Escola de Jazz tem hoje já uma longa história. Está mais institucionalizada e estabilizado o seu ensino. Terá um corpo de alunos com perspectivas e competências mais uniformes. Mas tempos houve em que cada dia exigia uma invenção a partir do nada, uma reinvenção a partir do que já havia, uma adaptação constante a uma realidade diversa e em que nada nem ninguém podia ser descartado.

Todos os directores pedagógicos da Escola fizeram em maior ou menor escala essa adaptação. Mas, antes da actual fase de estabilidade, dois grandes momentos históricos sobressaem: a sua criação, naturalmente, com o José Eduardo e, mais tarde, o período do David Gausden.

O José Eduardo teve que “inventar” a Escola. Do nada. Com base nos seus vastos conhecimentos, pegou num grupo díspar de pessoas que queria “tocar música” e inventou um processo quase específico para cada um, com uma tentativa de corpo de conhecimentos comum de criação de um Programa Pedagógico. Anualmente, mensalmente, analisava a evolução, corrigia ritmos de aprendizagem e conteúdos, criava novos. Cerca de uma década mais tarde, quando o David foi director, um mínimo - que já era tanto - de uniformidade tinha já sido atingido, começava a esboçar-se um perfil tipo do estudante de jazz português. O David pegou nessa realidade e fez a Escola dar o seu segundo grande “salto”. Tirando partido da sua raiz americana, a sua primeira ferramenta nessa tarefa foi a sua enorme erudição — o David era uma enciclopédia viva do Jazz. A segunda ferramenta foi o conhecimento dos sistemas de ensino já então usados nos EUA. E, como com José Eduardo, a inteligência prática e o conhecimento da realidade portuguesa fizeram a adaptação à nossa realidade.

Mesmo com o esboço de um corpo de alunos mais normalizado, adaptar a Portugal os conhecimentos do ensino do jazz na América foi um trabalho de gigante, diário, permanente. Mas a Escola ficou com uma coerência pedagógica mais actualizada. Para os que conheciam o David ficaram famosas as folhinhas A5 escritas de alto a baixo com as diversas tarefas que sempre tinha consigo e que ia riscando e reescrevendo. Como ficaram conhecidas as épicas chegadas das visitas aos pais nos EUA com uma mala para si próprio e mais três para o Hot, com livros, cassetes, manuais e discos do Aebersold ainda em vinil. Vivíamos num período anterior à Internet e às comunicações rápidas. Os conhecimentos transmitiam-se por livros e discos de vinil. Era preciso passar fronteiras e alfândegas, a importação era difícil. Cada viagem do David aos EUA era um acontecimento no pequeno mundo da Escola. Depois desta “tarefa prática”, começava o verdadeiro trabalho pedagógico de adaptar este corpo de conhecimentos à nossa realidade. O que consumia permanentemente ao David noites e dias. Bem como a formação e orientação de outros professores que por essa altura a Escola já tinha. Foi com base nesse trabalho do David Gausden que a Escola, a partir do período em que a dirigiu, passou para outro patamar de qualidade, profundidade e estabilização do programa pedagógico. Na minha opinião, há assim na Escola um processo contínuo mas que se acelera no mesmo sentido nestes dois momentos cruciais, na fundação com o José Eduardo e, mais tarde, na direcção pedagógica de David Gausden. Há outros elementos decisivos contudo na passagem do David pela Escola. Um deles, mais sentido pelos próprios músicos, é

O David representou no nosso jazz essa tendência cultural, tanto propondo o contacto cá de músicos portugueses com músicos estrangeiros em ambiente profissional, como encorajando “visitas de estudo” a Nova Iorque a jovens músicos saídos da Escola.

o do seu alargado espectro de gostos e conhecimentos musicais. O David entendia e acarinhava outros objectivos musicais para além do jazz da tradição afro-americana. Muitos jovens músicos se sentiram confortáveis com essa atitude. Por essa altura (finais dos 80's, início dos 90's) começava a surgir em Portugal a saudável tendência entre as variadas formas de arte para a criação de padrões internacionais, abandonar o conforto da comparação com os pares em Portugal, por uma comparação com os pares noutros países, nomeadamente nos EUA. Rui Horta, por exemplo, na defunta Companhia de Dança de Lisboa “enviava” para Nova Iorque os seus melhores bailarinos. O David representou no nosso jazz essa tendência cultural, tanto propondo o contacto cá de músicos portugueses com músicos estrangeiros em ambiente profissional, como encorajando “visitas de estudo” a Nova Iorque a jovens músicos saídos da Escola. Todo este trabalho, a simples passagem da sua personalidade pelo Hot, criaram uma Escola melhor. Em boa hora, pois, esta iniciativa.

David Gausden, o meu amigo

Já que tive a sorte de partilhar alguma intimidade com o David (cheguei a viver fugazmente em minha casa, eu passei férias na sua casa de Lagos e partilhámos loooooongas horas de carrinha a caminho de concertos) gostava de evocar alguns aspectos mais pessoais da sua personalidade: um desses aspectos é a sua incrível timidez e doçura. Não me lembro de alguma vez o ter visto zangado ou sequer alterado. O máximo que o vi fazer, quando algo excedia os seus limites de aceitação foi, discretamente, virar costas e desaparecer.

O David tem, já o disse, conhecimentos enciclopédicos. Sejam teóricos, históricos, ou do anedotário tão querido e vital na música improvisada. Era um prazer ir com ele numa carrinha para um qualquer concerto longe de Lisboa. Sobre qualquer tema ligado à música havia sempre algo de análise que nos fazia ir um pouco mais longe na compreensão do que estava em causa. Analisava-me a estrutura de um “standard” ou fazia-me compreender o que um baterista estava a tentar obter com um determinado padrão. Explicava-me porque uma canção do Sting era no essencial o “All the things you are” de trás para a frente. Contava-me porque é que esta música tinha evoluído assim e não de outra maneira, como os seus primeiros mecenas tinham sido as prostitutas e, os segundos, os *gangsters*. Ou contava-me as incríveis e divertidas histórias (vivas ou ouvidas por ele), sobre a tradição e práticas desta música nos EUA, desde as noites em que os velhos músicos de *swing*, reformados, tiravam as pantufas e desciam aos clubes para uma noite de “real thing” com os mais novos; ou a do pobre contra baixista novato forçado a fechar a porta com o pé enquanto tocava para que lhe não lhe gelassem as mãos nas noites frias do Nebraska. E no entanto, universidade viva que é, o David está à vontade com as mãos numa infindável quantidade de tarefas misteriosas como por exemplo montar uma casa de banho ou qualquer reparação em casa. Lembro-me de, num período difícil da sua habitação, ter construído um complexo sistema de suporte do tecto e retenção e condução de água da chuva... ou de ter construído um passável contra baixo de contraplacado para passar a fronteira, sair do país, e voltar discretamente transformado num contra baixo verdadeiro. No final da sua estadia em Portugal, estabelecido em Lagos, o David foi produtor, director artístico, arranjador, técnico de som, motorista e “roadie” de diversos grupos de geometria variável, com ênfase no jazz e na música latino-americana. Nunca vi ninguém como o David — o paradoxal que às vezes aparentava falta de energia — produzir um tão massivo e tão profundo volume de trabalho em prazos de tempo tão limitados. Enfim, faz-me muita falta, o David...



por Mário Franco

David Gausden foi meu professor e amigo, um verdadeiro “abre latas da mente”! Sempre com base no repertório clássico, desde Charlie Parker até Ornette Coleman, nas nossas aulas passámos em revista muitos dos grandes nomes do Jazz!... Foi também com ele que passei a conhecer outras maneiras de estar na música... Uma abordagem mais livre, mas sempre com o objectivo no som que sai do instrumento e a importância que isso tem na nossa identidade musical. Tirar o melhor som possível de cada nota tocada. Foi também assim que comecei a incluir no repertório de concerto compositores/músicos como Kenny Wheeler, John Abercrombie entre outros...

por Maria João

Gosto muito do David, sempre gostei. Lembro a sua presença discreta, sempre ajudando todos carinhosamente. Tocámos juntos durante um bom tempo, foi mesmo no meu princípio de cantora e por isso o que ele me ensinou foi importantíssimo para mim e ficou para sempre. Gostaria muito de o voltar a ver.

por João Pedro Madaleno

Fui aluno da escola de jazz do Hot Clube de Portugal de 1981 a 1985, e apanhei o David Gausden a partir de 1982, enquanto ele esteve à frente da escola como diretor pedagógico. O David trouxe dos EUA uma visão e abordagem da música muito eclética e aceitava todos os estilos de música desde que fosse boa. Foi uma personagem de extrema importância para o meu desenvolvimento como músico, devo-lhe muito e explico porquê! O David mostrou-me vários estilos de música, desde Hermeto Pascoal a Jim Hall, passando por Lee Konitz e acabando em Anthony Braxton e Art Ensemble of Chicago... abriu-me os ouvidos, a mim e a colegas meus como o Mário Delgado, Jorge Reis, André Sousa Machado, João Lucas e outros que passaram pela escola. Nas aulas de combo dele, tanto se tocava temas de Charles Mingus, como de Bud Powell ou até Ornette Coleman... a música cabia toda no mesmo saco desde que fosse boa. O David foi um amigo de “A” grande! Era incansável a ajudar-nos! Como se não bastasse ser bom professor (pois ele era mesmo bom e incentivava os alunos a criarem uma voz pessoal e não a andar a copiar outros ou a ficar fechados num só estilo), o David foi quase como um pai para mim. Todos os fins de semana em que não havia concertos no clube do Hot, lá me telefonava ele para irmos tocar em trio ou duo, ou o que pudesse ser. Nessa altura tocava todos os meses no Hot Clube... agora toco uma vez por ano dado que há muitos mais músicos. Foi um pai porque conseguiu convencer os meus pais a investirem nos meus estudos nos EUA, em Nova Iorque. Se não fosse ele, nunca teria ido para os EUA e ele fez tudo para que eu fosse, desde falar com os meus pais, até falar com o adido cultural da embaixada dos EUA em Portugal, para que facilitassem a minha ida. Para além do Laurent Filipe que já lá estava, fomos os primeiros a ir, eu, o Sérgio Pelágio e o Bruno de Almeida. Abrimos caminho para todos os portugueses que foram para lá estudar depois. Foi de uma grande coragem e risco partir assim porque ninguém sabia bem o que nos esperava.

Para além disso, o David andava a fazer concertos na Europa com músicos que eu admirava muito, como o Lee Konitz... graças a ele interceder por mim, o Lee Konitz decidiu “apadrinhar-me” durante a minha temporada de cerca de 5 anos nos EUA, aconselhando-me também a Jim Hall e a outras lendas do jazz que davam aulas particulares...

É quase impossível dizer o quanto foi importante para mim, e quanto me abriu os olhos, ao contrário de alguns músicos nacionais da altura, que só fechavam e castravam os alunos e colegas à sua volta...

Para além dos meus pais, devo tudo na minha carreira (e aonde cheguei), ao David! Obrigado David!

por José Peixoto

Cruzei-me com o David duas vezes. A primeira como aluno. Frequentei uns meses largos a classe de baixo na escola do HCP, nos anos 80 (na Praça da Alegria no espaço do antigo clube). O David sabia que eu estava ali, não para seguir um percurso de baixista, mas apenas por curiosidade. E ajudou-me com sabedoria,

ALGUNS DEPOIMENTOS

simplicidade e disponibilidade a entrar naquele mundo do raciocínio musical de quem vive e produz música através daquele instrumento. O David era aquele tipo “que sabia tudo” e que navegava à vontade naquele universo. Foi um professor importante.

Mais tarde convidei-o a fazer parte de um dos meus projectos (dos primeiros...). Fi-lo com algum receio porque a minha linguagem afastava-se daquela que o David, normalmente, praticava. Nem sequer tinha um bom negócio para lhe propor... Surpresa minha, aceitou sem reservas. Enriqueceu a música colocando-se no lugar certo para lhe dar contributo e, para mim, a sua presença, o facto de ele estar ali saudavelmente a colaborar, deu confiança e ajudou a solidificar e estruturar a ideia musical. A presente e a futura...

Na altura não nos apercebemos mas, à distância, é fácil constatar a importância que certas pessoas e certas acções têm na nossa vida e no nosso percurso. Podem ajudar a amplificar a nossa iniciativa, a justificar e a suportar as nossas opções ou, no outro extremo, serem destrutivas e gerarem desmotivações várias. Tive, ou melhor, tivemos (todos os que com ele lidaram) a sorte do David ter estado nessa zona de quem está do nosso lado, nos motiva, nos enriquece e nos apoia nos passos que, nessa altura, seriam previsivelmente arriscados para o rumo da nossa vida futura.

por António Pinto

Conheci o Dave Gausden em 1982/83 no Hot Clube de Portugal. Ele era a Escola de Jazz do Hot Clube. Para além de algum apoio possível do Rui Martins, na direção do Hot Clube, na altura, não havia pessoal de secretaria nem rececionista nem ninguém para ajudar nos aspectos burocráticos do funcionamento da escola e do atendimento. O Dave era tudo isso, para além de professor de várias disciplinas do curso.

O Zé Eduardo tinha ido para Barcelona e o Dave tomou conta da escola. Ele sempre foi uma pessoa muito acessível para qualquer aluno ou atendimento em geral, e a minha relação com ele rapidamente se estreitou, sempre com base no gosto pelo jazz e na troca de informação e experiência. Fui convidado por ele muitas vezes para tocar, tanto no Hot Clube como em outros locais, em duo ou com outros músicos dessa geração como o Mário Delgado, Carlos Vieira, Eddie Goltz, Pedro Madaleno, Jorge Reis e alguns músicos que estiveram de passagem no clube como o Luigi Waits, o John Wadham, o Jimmy McKay, o Tommy Halferty ou o Ritchie Buckley. Participou com alguns nomes da música portuguesa como Zeca Afonso, Sérgio Godinho e Jorge Palma. Esse período da história do Hot Clube foi muito importante para essa geração de músicos.

por Carlos Martins

“Quem és tu, David Gausden?”

Sou um ser humano muito disponível que gosta de partilhar conhecimento. Porque não partilhas as tuas emoções também?

Porque sou tímido e porque, na verdade, talvez não saiba como fazê-lo... prefiro partilhar o meu sentido de humor que é uma forma muito elevada de partilha emocional... dizem!

Porque vieste para Portugal e porque ficaste em Lisboa?

Porque apesar da educação que tive sou um americano cosmopolita e gosto de novas experiências. E porque li numa revista de Jazz que não há muitos contra baixistas por aqui. E porque os portugueses dão muito valor aos estrangeiros e aos americanos músicos de jazz em particular e... porque gosto do nome Lisboa.

E tu, porque vieste para Lisboa?

Para conhecer fulanos excepcionais e um pouco “out of the box” como tu?

E porque não há assim tantos saxofonistas...

E então, vamos ensaiar?

Sim. Achas que ela já chegou?...

Hum... não!”

Risos, muitos risos.

IASJ'15

25 ANOS DEPOIS, EM LISBOA

Lisboa, 27 Junho a 3 Julho



Sem esta união de esforços (Hot Clube de Portugal e Universidade Lusíada de Lisboa) teria sido impossível gerir tudo e, a verdade é que conseguimos montar uma excelente equipa e garantir um dos mais bonitos *meetings* da International Association School of Jazz.

por Bruno Santos

O Hot Clube de Portugal era o único membro fundador da IASJ que ainda não tinha organizado o evento e nada melhor do que fazê-lo no 25.º aniversário desta importante associação que reúne, anualmente, músicos de todo o mundo e que tem como director artístico um “peso pesado” do jazz, o saxofonista David Liebman.

Em 2012, estava eu em representação do Hot Clube no *meeting* a decorrer em Graz (Áustria) e fui desafiado, juntamente com o Ricardo Pinheiro, representante da Universidade Lusíada, a unirmos esforços de forma a promover o encontro de 2015. Apesar de na altura ter sido uma espécie de tiro no escuro, a resposta foi afirmativa. Tínhamos exactamente um ano para apresentar uma candidatura sólida. Se tudo corresse bem, festejaríamos o 25.º *meeting* no ano pretendido e co-organizado pelo HCP e UL.

Reunimo-nos em Lisboa e, apesar de todas as dúvidas, a mais preocupante era, naturalmente, a financeira. Decidimos avançar e garantir um encontro memorável.

Eu tinha estado presente como aluno, em 1999 (como representante do HCP), em 2010 (em São Paulo) e ainda em 2012 (em Graz). Sabia que em termos de organização e logística não era uma coisa simples. Mas tinha a certeza que era possível. Seria necessária muita ajuda. Assim foi, com muita gente a colaborar, grande parte em regime de voluntariado.

Claro que foi possível. E, modéstia à parte, com muito sucesso! Agora, olhando uns meses para trás, pela maneira como tudo correu, diria que repetir uma coisa destas, só daqui a muitos anos! Foi muito trabalho e muita responsabilidade por parte de muita gente. Tínhamos representantes de escolas de toda a parte do mundo e, durante semanas, dedicámo-nos de corpo e alma ao encontro. Falando em nome do HCP, sinto um orgulho enorme pela maneira como recebemos toda a gente e de como tudo correu, sem problema de maior.

Obrigado a todos os colaboradores e ao Ricardo Pinheiro, representante da Universidade Lusíada de Lisboa. Sem esta união de esforços teria sido impossível gerir tudo e, a verdade é que conseguimos montar uma excelente equipa e garantir um dos mais bonitos *meetings* da International Association School of Jazz.

Para o ano há mais, de 26 de junho a 1 de Julho de 2016, desta vez organizado pela Berklee Global Jazz Institute, em Boston, USA!



IASJ'15

UNIVERSIDADE LUSÍADA, HOT CLUBE E AS NAÇÕES UNIDAS DO ENSINO DO JAZZ

8

por Ricardo Pinheiro

De 27 de Junho a 3 de Julho de 2015, a Universidade Lusíada de Lisboa e o Hot Clube de Portugal foram anfitriões do 25.º Encontro Anual da International Association of Schools of Jazz (IASJ).

O IASJ liga o passado, o presente e o futuro do desenvolvimento da educação do jazz em todo o mundo. Trata-se de uma organização composta por escolas de jazz de grande qualidade e reputação, entre as quais o Hot Clube de Portugal, membro fundador, e a Universidade Lusíada. Um dos objectivos principais desta organização é o de manter a arte do jazz bem viva, de modo a proporcionar o desenvolvimento musical e pedagógico, e integrar a diversidade cultural na linguagem jazzística, sem discriminar com base na nacionalidade, religião, sexo ou idade. Promove o intercâmbio de conhecimentos, técnicas e experiências entre professores, representantes de escolas e alunos do mundo inteiro. Desde 1989, juntou cerca de 3000 estudantes, professores e directores artísticos, tendo constituído um importante marco no desenvolvimento das suas carreiras.

A associação tem também por objectivo divulgar e promover os principais eventos de jazz que decorrem em todo o mundo, tais como festivais, conferências e encontros internacionais.

Este ano, e no âmbito da celebração do 25.º aniversário da organização, a Universidade Lusíada e o Hot Clube reuniram, entre professores, alunos, membros da International Association of Schools of Jazz, cerca de 120 participantes de 24 países, 5 continentes e 41 Universidades e Escolas.

Para além de ter sido, em 25 anos, o encontro da IASJ que reuniu o maior número de participantes e instituições, constituiu uma das mais importantes plataformas internacionais para o intercâmbio de experiências entre alunos e professores no âmbito da educação do jazz, fundamental para a dinamização do ensino do mesmo.

O programa incluiu sete dias completos de actividades tais como reuniões de docentes, aulas, *masterclasses*, *workshops* e diversos concertos e *jam sessions*, orientados pelo Director Artístico David Liebman, conceituado saxofonista americano que integrou formações de Miles Davis e Elvin Jones, tendo estas tido um impacto considerável em alguns meios de comunicação, e principalmente para os alunos e professores que participaram.

Desta semana, destacam-se especialmente os seguintes acontecimentos: o concerto de David Liebman com o Trio de Mário Laginha na Culturgest; as *Jam sessions* entre alunos e professores no Hot Clube e no Café Concerto do cinema São Jorge; o concerto de professores das escolas participantes no espaço Vinyl, os concertos dos grupos de alunos que participaram no encontro, no Auditório da Fundação Oriente e, as palestras com os Professores Salwa Castelo-Branco, Pedro Félix e João Paulo Esteves da Silva sobre Fado, Cante Alentejano e Música Tradicional Portuguesa, respectivamente.

A Universidade Lusíada e o Hot Clube de Portugal estão seguros de que o impacto positivo resultante deste acontecimento irá perdurar, tanto no seio da comunidade do jazz em Portugal, como também nos professores e alunos internacionais que participaram.



Para além de ter sido, em 25 anos, o encontro da IASJ que reuniu o maior número de participantes e instituições, constituiu uma das mais importantes plataformas internacionais para o intercâmbio de experiências entre alunos e professores no âmbito da educação do jazz, fundamental para a dinamização do ensino do mesmo.



por Gonçalo Campos (aluno do HCP)

25 anos de IASJ! Um marco na história do mesmo, especialmente importante para o Hot Clube que, em parceria com a Universidade Lusíada, foi anfitrião do *meeting* anual com músicos (alunos e professores) de escolas de jazz de todo o mundo: Estados Unidos, Argentina, Alemanha, Tailândia, Israel, Brasil, Portugal e muitos mais.

Foram dias cheios de música, quase 24 horas por dia! Desde palestras, *masterclasses*, concertos, *jam's* ou, simplesmente, conversas. Achei bastante interessante, mesmo sendo de Portugal, que tenha havido muita actividade sobre Música Portuguesa, visto esta não ser mundialmente conhecida ao mesmo nível que o jazz, que se divergiu e evoluiu de infinitas formas. Tudo isto despoletou bastante interesse em todos os participantes, particularmente o concerto de abertura do *meeting*: Mário Laginha Novo Trio com David Liebman (fundador do IASJ), e uma palestra específica sobre Música Tradicional Portuguesa com o pianista João Paulo Esteves da Silva.

Como vibrafonista achei incrível participar nas *masterclasses* de piano, instrumento com uma abordagem completamente diferente da do vibrafone. Ofereceram-me um novo campo de possibilidades, tanto a nível de *performance*, como de composição musical.

Tive a oportunidade de ouvir ao vivo e de tocar com músicos extraordinários de todo mundo, tanto nas *jam sessions* que aconteciam todos os dias na escola de Jazz Luiz Villas-Boas e no Hot Clube, como também, no combo criado logo no início do encontro. Este combo apresentava uma formação bastante peculiar: voz, flauta transversal, trombone, piano, vibrafone, contrabaixo e... duas baterias!!! Preparámos o nosso concerto final com originais, arranjos e pura improvisação momentânea. E foi assim que encerrámos o *meeting*.

Como representante da Escola do Hot Clube, foi para mim uma grande honra e uma incontornável experiência, poder ter participado neste evento, especialmente por ser português e querer dar a conhecer o fantástico país que Portugal é. Só tenho que agradecer ao Hot pela oportunidade!

Fico bastante contente por tudo ter corrido tão bem e não posso deixar de dizer que, após várias conversas com muitas pessoas, permaneceu a opinião unânime de que Lisboa, apesar de pequena, é uma cidade linda com uma história, um clima, uma hospitalidade e uma Música, incríveis!

2016 está quase aí, assim como o *meeting* que será em Boston (EUA)! Boa sorte ao próximo representante da escola do Hot Clube!

Fico bastante contente por tudo ter corrido tão bem e não posso deixar de dizer que, após várias conversas com muitas pessoas, permaneceu a opinião unânime de que Lisboa, apesar de pequena, é uma cidade linda com uma história, um clima, uma hospitalidade e uma Música, incríveis!

UMA GUITARRA HAVAIANA NO NÚCLEO MUSEOLÓGICO

por Inês Cunha

O Hot Clube recebeu recentemente uma doação que vai integrar o seu Núcleo Museológico: uma guitarra havaiana que pertenceu ao Carlos Menezes. Segundo declarações do filho, esta guitarra terá sido comprada em San Sebastian, Espanha, em finais da década de 1940, princípios da década de 1950. Por esta altura Carlos Menezes tocava com o pianista de origem basca Shegundo Gallarza. Em Portugal há um disco gravado com este instrumento intitulado “A guitarra e a harpa que falam”.

Nascido no Funchal a 29 de setembro de 1920, Carlos Menezes foi sócio fundador do Hot e, a partir de 1980, sócio honorário.

Guitarrista profissional, oriundo do Funchal, Carlos Menezes passou a residir em Lisboa a partir de 1945. Afirma ter sido através do HCP que recebeu a motivação principal para desenvolver a sua técnica e linguagem de Jazz. Luiz Villas-Boas apareceu no Clube Americano, local onde na altura Menezes actuava regularmente. Desde essa data travaram uma profícua amizade.

In, jazz em Portugal (1920-1956), Martins Helder

Obrigada ao Carlos Menezes (júnior) por confiar no Hot para perpetuar a memória do seu pai como um músico fundamental na história do Jazz em Portugal.



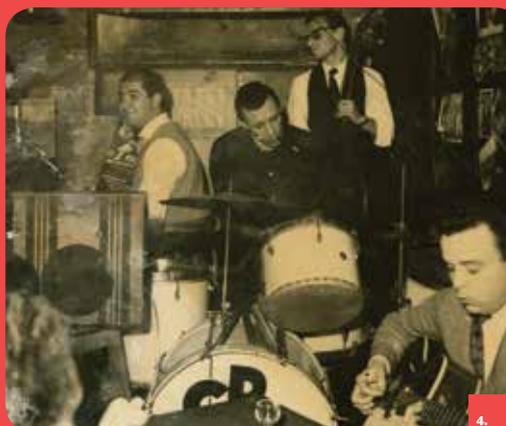
1.



2.



3.



4.

1. Guitarra havaiana que foi doada ao HCP
2. Retrato de Carlos Menezes com guitarra Hot Clube de Portugal, 23-11-1953 © Augusto Mayer
3. Carlos Menezes na década de 1970 (prova fotográfica a cor pertencente ao filho)
4. Quarteto no Hot Clube de Portugal com Carlos Menezes, Luís Sangareau, Walfredo Sangareau e pianista, 27-11-1955 © Augusto Mayer

O JAZZ E O BOXE

(...) quando o ouvido e o olho se treinam, aprendem os padrões complexos que estão na base da improvisação da luta de boxe ou da improvisação do Jazz.



Miles Davis, imagens retiradas de *Fightland Blog*

por Ricardo Toscano

Para quem não sabe, o Jazz e o Boxe estão conectados desde os anos 20/30, por várias razões. Naquele período o racismo ainda dominava, o que fazia com que o Boxe fosse o único desporto que os afro-americanos pudessem praticar.

Grande parte da comunidade jazzística praticava boxe, músicos como: Charlie Parker, Red Garland, Miles Davis, Roy Haynes, entre outros.

Os Pugilistas da altura (como Suggar Ray Robinson) costumavam frequentar os clubes de jazz e conviver com os músicos.

Desde essa altura, as duas formas de arte desenvolveram uma grande relação.

Existem até algumas comparações referentes a alguns bateristas (como por exemplo Roy Haynes ou Elvin Jones), sugerindo que eles relembram pugilistas devido ao seu estilo, e às suas “combinações”.

Se estivermos minimamente familiarizados com, pelo menos, uma das artes, sabemos que terão bastante em comum.

No Jazz

Precisamos principalmente (obviamente) de ritmo, capacidade de reacção rápida ao que ouvimos, muito

conhecimento teórico, um grande domínio do nosso instrumento e da capacidade de expressão, entre outros.

No Boxe

Precisamos principalmente de ritmo, capacidade de reacção rápida aos movimentos do nosso adversário, conhecimento do máximo de golpes/movimentos/deslocações possíveis, grande domínio do nosso corpo, velocidade, capacidade de adaptação constante a todo o tipo de adversários/parceiros, entre outros.

Ambas as artes têm uma grande percentagem de improvisação.

Para um ouvido que não esteja habituado ao Jazz, ou um olho que não esteja habituado ao boxe, isto tudo pode parecer uma loucura, mas quando o ouvido e o olho se treinam, aprendem os padrões complexos que estão na base da improvisação da luta de boxe ou da improvisação do Jazz.

Fiquem atentos!

EDIFÍCIO DA STANDARD ELÉCTRICA

Obra de um dos arquitectos que marca a paisagem de Lisboa, Cottinelli Telmo, o edifício terminado em 1948 e que todos os dias é ocupado por uma autêntica “horda” de músicos em formação, teve várias utilizações durante o seu período de vida.



12

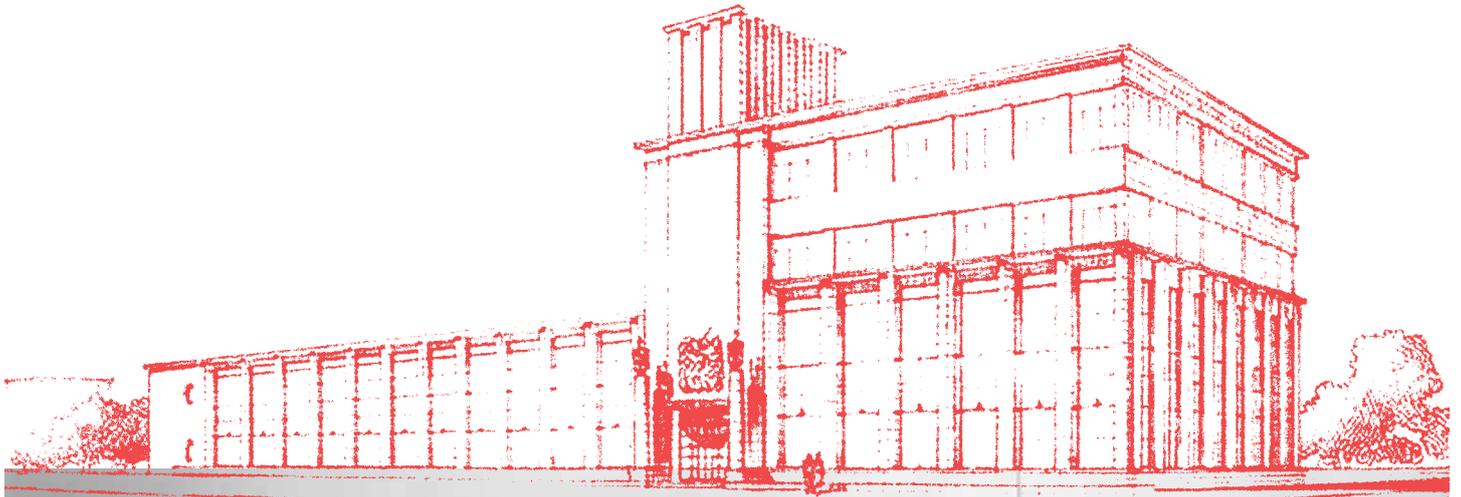
por Inês Cunha

Durante o trabalho de investigação e catalogação do nosso núcleo museológico, descobrimos uma notícia do “Diário de Lisboa” que dava conta do início da construção do edifício da Standard Eléctrica, onde funciona a Escola de Jazz Luiz Villas-Boas. Curiosamente esta notícia tem a data de 2 de Outubro de 1945. Ou seja, fez este ano 70 anos que se iniciou a construção deste edifício.

Obra de um dos arquitectos que marca a paisagem de Lisboa, Cottinelli Telmo, o edifício terminado em 1948 e que todos os dias é ocupado por uma autêntica “horda” de músicos em formação, teve várias utilizações durante o seu período de vida. Foi construído para ser uma unidade de produção de componentes eléctricos de uma grande empresa multinacional. A seguir ao 25 de Abril serviu

como armazém para os contentores de pertences das famílias que tinham voltado para Portugal, vindas das ex-colónias. Aos poucos os contentores foram sendo levados e, em 1980, serviu como Escola Secundária Rainha D. Amélia, enquanto esta (a verdadeira) estava em obras.

A Orquestra Metropolitana começa a instalar-se no edifício em Junho de 1992 e, em 1996, o Hot Clube ocupa uma ala do edifício da Junqueira onde tem a funcionar a Escola de Jazz Luiz Villas-Boas, presentemente com cerca de 300 alunos. A cedência desse espaço foi feita ao Hot Clube de Portugal pelo Presidente da Câmara de então, o Dr. João Soares (atual Ministro da Cultura), tendo em atenção o verdadeiro serviço público que o Hot Clube presta à cidade.



Standard Eléctrica de Lisboa
Perspectiva do ante-projecto pelo arquitecto Cottinelli Telmo
Dezembro 1944

Imagem retirada do blogue Restos de Coleção através do link:
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2015/03/standard-electrica.html>

Standard Eléctrica, Lisboa, Portugal (vista do exterior do edifício)
ARQUITETO RESPONSÁVEL Cottinelli Telmo / FOTÓGRAFO Estúdio Horácio Novais.
Data de produção da fotografia original: entre 1948 e 1970s.
Coleção Estúdio Mário Novais | FCG-Biblioteca de Arte (CFT003)

EM CON- VERSA COM JORGE REIS

por André Santos 2.12.2013

[AS] Antes de mais fala-me um pouco de ti, do teu percurso.

[JR] Antes de mais!! Iniciei o meu percurso musical aos 6 anos, na música clássica, instrumento violino. Na adolescência comecei a prestar atenção ao Rock (Beatles, Genesis, Led Zeppelin, géneros diversos, portanto), depois ao Jazz (primeiro Jazz Rock, que fundia os 2 estilos, por exemplo Mahavishnu Orchestra e Return to Forever). Um fascínio pelo saxofone surgiu e, aos 23 anos, comprei o meu 1.º sax e abracei não só o *bebop*, mas também a improvisação com poucas barreiras estilísticas — penso que como consequência das minhas predileções no universo da música clássica. Gostava, e gosto, de Brahms, Bach, Chopin, Liszt, Schostakovitch, Ravel, Richard Strauss, Wagner, Stravinsky... Tudo isto permeou as minhas opções musicais (de forma inconsciente, enquanto me pude dar ao luxo da inconsciência). Quando optei pelo Jazz trazia na bagagem um património de música clássica que molda, até hoje penso eu, a minha abordagem ao discurso musical improvisado.

[AS] Que mensagem ou sensações tentas passar na tua música?

[JR] Aquilo que me atraiu na música foi a capacidade de falar uma língua diferente, sem palavras, que me tomava de assalto, uma experiência de realização espiritual que me pareceu ser o melhor de mim enquanto ser humano, e essa sensação nunca me abandonou. Penso que a comunicação, a passagem dessa sensação para os outros, terá aparecido um pouco mais tarde, mas a partir do momento em que apareceu foi-se convertendo numa vertente crucial na maneira como a música faz parte da minha vida.

[as] Que qualidades admiras num músico e o que é que define para ti um bom músico?

[JR] Admiro num músico a sua total subserviência à música, a rendição pessoal ao milagre, e o prazer que desta maneira um músico consegue obter para si próprio, para os outros músicos e para quem o ouve. O lirismo, o valor poético e melódico, também me seduzem. A destreza rítmica, a capacidade de ouvir os outros e tocar com e pelos outros.

[AS] No Jazz, e não só, fala-se muito em respeitar a tradição. Que importância dás ao que se passou para trás? Achas que se respeita a tradição hoje em dia?

[JR] Penso que a tradição não é um valor respeitável *per se*, não é difícil encontrar tradições pouco respeitáveis, será a lógica do avanço civilizacional. No caso do Jazz em particular, aquilo que se chama tradição são componentes estilísticas que se afirmaram ao longo dos



UM ANO DEPOIS DA SUA INESPERADA PARTIDA, EDITAMOS AQUI UMA ENTREVISTA DADA PELO JORGE AO ANDRÉ SANTOS (EM 2013).

tempos, umas foram sobrevivendo, outras não. Não existe desrespeito quando se fazem opções musicais que rompem com o passado, assim como a validade das tendências de uma determinada época não depende da sua afinidade com o que foi feito antes. Dito isto, aprecio a maneira como cada época incorpora componentes de tradições de épocas anteriores, e acho que estudar o passado e aprender com o passado é intrinsecamente válido. A humanidade contém em si a predisposição para a mudança proveniente justamente do conhecimento anteriormente adquirido.

[AS] Ainda em relação à tradição, que corrente mais te influenciou e que discos e músicos foram ou são uma inspiração para ti?

[JR] Não vejo que alguma corrente me tenha influenciado especialmente, mas sim músicos, daí resultando as correntes que eles próprios seguiam ou seguem. Keith Jarrett, Wayne Shorter, Joe Lovano, Art Tatum, Lee Konitz, Brad Meldhau, Chris Potter, Perico Sambeat, Julian Arguelles, Charlie Parker, Phil Woods, Herbie Hancock, Dexter Gordon, Miles Davis, John Coltrane, Chick Corea, Bill Evans, Jim Hall, Wes Montgomery, Michael Brecker, Cannonball Adderley, Freddie Hubbard, Charlie Mingus, Clifford Brown, Booker Little, Kenny Garrett, David Binney, John Scofield, Dave Holland, Kurt Rosenwinkel, Kenny Wheeler, Mark Turner, Kris Bauman, Thomas Morgan, Jan Garbarek, Jordi Rossy, Nasheet Waits, Bill Stewart, Charlie Haden, Dewey Redman, Paul Motian, Ornette Coleman, Elvin Jones, Dave Douglas. Outros, muitos outros, em menor grau de lembrança. Portugueses: André Sousa Machado, João Paulo Esteves da Silva, André Fernandes, João Moreira, Afonso Pais, Nuno Ferreira, João Lencastre, Óscar Graça. Outros, em menor grau de lembrança.

[AS] E coisas extra-musicais que te inspiram?

[JR] Inspiram-me a observação do panorama humano, das emoções, da expressão artística que nos atrai e subjuga, o cinema, a poesia, a empatia, musical e pessoal, com outros músicos. O sentido de partilha de um milagre do qual a comunidade musical fala quotidianamente, a trivialidade com que falamos de coisas tão pouco triviais, a transcendência que, de forma tão sublimemente casual, nos leva ao colo e transfigura. Inspiram-me os animais, a natureza, a beleza inerente à nossa tentativa esperançosa, desesperada e comovente de encontrar sentido no desconhecido, no temido, no alheio e no inatingível.

[AS] Que importância dás ao estudo? Praticaste muito enquanto estudante? Que conteúdos tinham mais ênfase na tua rotina diária? E hoje em dia o que é que praticas?

[JR] O estudo pertence ao domínio do percurso individual, sendo que é muito importante, na esmagadora maioria dos casos. Não pratiquei o suficiente, mas sinto que não é tarde. Coloco ênfase na estruturação do estudo, na sua repartição por conteúdos, seguida de junção progressiva e, se tudo correr bem, total. Pratico som, técnica, ritmo, melodia, harmonia, e construção, condução e elaboração do discurso improvisado, como percurso para a reunião de factores.

[AS] Tiveste ou tens aqueles fantasmas de “deveria ter estudado o músico x ou o conteúdo y”?

Como contrarias isso?

[JR] Penso que existe conveniência em não conferir a esta problemática o estatuto de “fantasma”. Os músicos improvisadores devem estar despertos, atentos, por definição. Incorporar influências nunca deve ser descartável, logo está-se sempre a tempo. “Deveria ter” equivale a dar por encerrada a pesquisa, a pergunta. Não pode, ou pelo menos não deve, ser compatível.

[AS] Muitas vezes a questão da técnica do instrumento é confundida com número de notas por segundo. O que é para ti a técnica do instrumento?

[JR] A velocidade é uma das componentes importantes da técnica, velocidade equivale a acréscimo de energia, acréscimo de variabilidade de opções. Portanto nunca é demais o número de notas por segundo que se consegue tocar. No entanto características como expressividade, timbre, domínio rítmico, volume, utilização de acessórios tecnológicos, são igualmente importantes na aquisição de domínio técnico. A técnica inclui a velocidade, mas não se esgota na velocidade.

[AS] E o som do instrumento? Que idealizas para o teu som?

[JR] Não sei descrever por palavras. Desejo que o meu som seja mágico, me cativa e cativa os outros. Quero comunicar através do som, quero que o meu som seja moldado pela música a que me desejo juntar e acrescentar algo de pessoal.

[AS] Ficas nervoso quando entras em palco?

Umas vezes, fico, outras não.

[AS] E tens ou já tiveste pensamentos parasitas que influenciam a tua prestação? Do género “O que é que estou aqui a fazer?!” ou “O público não se cala?!, ou ainda “Está ali a pessoa X na plateia, tenho de tocar bem!”. Como dás a volta?

[JR] “O público não se cala” é um parasita recorrente, tenho dificuldade em aplicar uma estratégia que combata eficazmente o problema. A “pessoa X” também interfere, por vezes, na minha prestação, remeto para a pergunta anterior.

[AS] Ouves rádio?

[JR] Só no carro, mas como não guio, não ouço por aí além.

[AS] Interessa-te a música que se faz em Portugal? Qual a tua opinião acerca disso?

[JR] Sim. O Jazz português interessa-me, somos uma comunidade que viaja em conjunto. À música clássica portuguesa estou menos atento, sempre na esperança de emendar a mão. A música popular, rock, e pop portuguesas interessam-me porque reconheço nelas qualidade, identidade e dinâmica cultural. Também como praticante que fui, e continuo a ser, de músicas que não o Jazz, por maioria de razão. Talvez seja mais funcional citar nomes: José Mário Branco, Zeca Afonso, Sérgio Godinho, Janita Salomé, Clá, JP Simões, Carlos Paredes. De outros me lembrarei noutra oportunidade.

[AS] O que andas a ouvir ultimamente?

[JR] Tenho os meus “heróis”, uns intemporais, outros mais ou menos efémeros (já os referi). Depois é uma questão de gestão de tempo, espírito e opção profissional. Repito, revisito, descubro, redescubro, dedico exclusividade... Gosto de ouvir o mesmo disco, os mesmos solos, vezes sem conta, porque a gratificação se mantém, e o porquê, o mistério, são indecifráveis ao ponto de não fazer tenção de interromper. Penso na invenção e crença no ser humano, “daqueles” seres humanos que inventaram, e na circunstância intelectual e espiritual que desencadeou neles a criação da música que admiro. Imploro-lhes que me comovam, e sou atendido, sempre, uma e outra vez.

[AS] Em jeito de despedida, fala-me do que andas a fazer actualmente e o que é que te imaginas a fazer daqui a 10 anos?

[JR] Actualmente ando a tentar tocar o meu melhor, com as melhores pessoas/músicos que estão disponíveis para mim. Daqui a 10 anos espero estar a fazer o mesmo. E a compôr.

O PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO, JAZZ EM PORTUGAL

OS LEGADOS DE LUIZ VILLAS-BOAS E DO HOT CLUBE DE PORTUGAL: APRESENTAÇÃO DE ALGUNS RESULTADOS

por Miguel Lourenço

Durante o passado mês de Novembro foram apresentados alguns resultados do projecto de investigação *Jazz em Portugal: Os legados de Luiz Villas-Boas e do Hot Clube de Portugal*, através de um painel composto pela coordenadora científica do projecto, a Professora Salwa Castelo-Branco e por quatro dos investigadores da equipa multidisciplinar constituída por etnomusicólogos e especialistas em preservação e arquivo que trabalharam na organização, catalogação e investigação do espólio Luiz Villas-Boas (1924-1999). A primeira apresentação integrou o V Encontro Nacional da Sociedade Portuguesa de Investigação em Música (SPIM), que decorreu a 13 de Novembro de 2015 na Universidade de Évora. Posteriormente, no dia 25 de Novembro, foi feita outra apresentação semelhante no Hot Clube de Portugal. As comunicações compreenderam um período cronológico que se estende do pós II Grande Guerra à década de 1980, abrangendo alguns eventos estruturantes que contribuíram para a afirmação e a consolidação do jazz em Portugal, enquanto categoria musical autónoma, a saber: a Fundação do Hot Clube de Portugal em finais da década de 1940, a organização do Festival Internacional de Jazz de Cascais, a partir do início da década de 1970, e a instituição da escola de jazz do HCP no final dessa mesma década. O trabalho desenvolvido pela equipa tem permitido questionar criticamente algumas narrativas dominantes sobre jazz em Portugal, ampliar o enfoque de inquirição e aprofundar temáticas e perspectivas. Esse trabalho permitiu também a preparação de fontes primárias e secundárias (muitas delas inéditas) para futura consulta por parte de investigadores e público interessado, obedecendo a critérios e normas na área das ciências documentais. No futuro espera-se poder disponibilizar parte deste material por via de uma base de dados online.

O projecto de Investigação *Jazz em Portugal: Os legados de Luiz Villas-Boas e do Hot Clube de Portugal*, resultou de uma parceria entre o Hot Clube de Portugal e o Instituto de Etnomusicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e funcionou entre 2012 e 2015 com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



Apresentação na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas, 25 Novembro 2015 — com Salwa Castelo-Branco, Pedro Roxo, Miguel Lourenço, Pedro Mendes, Regina Rocha, André Gomes e Isabel Zarazúa

As comunicações compreenderam um período cronológico que se estende do pós II Grande Guerra à década de 1980, abrangendo alguns eventos estruturantes que contribuíram para a afirmação e a consolidação do jazz em Portugal, enquanto categoria musical autónoma.

A CRESCER E A OFERECER JAZZ

OS ATELIERS DE INICIAÇÃO

por **Gonçalo Marques**



O **atelier de Jazz** existe desde 2010 e conta neste momento com 23 alunos. A ideia foi da Inês Cunha, que pensou que poderia ser interessante fazer um curso de Jazz para os mais novos (crianças entre os 11 e os 15 anos, grosso modo) que funcionasse uma vez por semana e que fosse relativamente acessível para as famílias.

O Atelier funciona todas as quartas-feiras, das 17h30 às 20h, e os alunos têm meia hora de teoria/treino auditivo, seguido de uma hora de instrumento e outra hora de combo. Começámos modestamente com apenas um combo e, neste momento, o atelier já conta com quatro combos.

A maioria dos alunos inscritos demonstra alguma experiência no instrumento, mas alguns fazem a sua iniciação também aqui e, ao fim de umas semanas, já estão aptos para tocar com os colegas (claro que em alguns instrumentos se demora um pouco mais). No final de cada semestre faz-se sempre uma apresentação.

A apresentação do segundo semestre é feita no Clube o que é sempre muito motivador para os alunos e respectiva família. Este ano (a meio do primeiro semestre) tivemos como novidade, uma experiência interessante de “*soundpainting*” com a participação do músico François Choiselat. No segundo semestre teremos certamente outras actividades. Esperamos pois continuar a crescer e a oferecer novas experiências aos nossos jovens alunos.

Inscrições abertas para o AIJ - Atelier de Iniciação ao Jazz a partir de Setembro. Teremos apresentações na escola no dia 3 de Fevereiro e no Hot Clube a 5 de junho, ambas às 18h. Atenção também ao *Workshop* de Iniciação à música através do Jazz no início de Julho.

Para mais informações não deixe de consultar o nosso site www.hcp.pt.



7TO HOT CLUBE DE PORTU- GAL VOL.2

Bruno Santos



Em 2007, depois de alguns anos (algures, desde 2001) a tocar repertório variado (Art Blakey, Wayne Shorter, Thad Jones, entre outros) propus ao Pedro Moreira, então director musical do Septeto e da escola, escrever música original para este agrupamento. Parecia-me importante dar uma outra direcção ao grupo ou, pelo menos, ter um repertório alternativo, para além dos clássicos que tínhamos tocado até à data.

A proposta foi aceite. Nunca tinha composto para uma formação tão alargada mas tinha uma enorme vontade e curiosidade. Pus-me a “sacar” repertório de formações semelhantes a esta primeira leva do Septeto e ganhei assim algumas ferramentas para distribuir música pelos 6 magníficos com quem tinha o prazer de partilhar palcos vários. Na altura e, além de mim (na guitarra), o grupo era formado por: João Moreira (no trompete), Pedro Moreira (no sax tenor), Claus Nymark (no trombone), Rodrigo Gonçalves (ao piano), Bernardo Moreira (no contrabaixo) e o André Sousa Machado (na bateria).

Depois do lançamento do 1.º disco (Vol.1), em 2009, e de alguns anos a tocar o repertório nele presente, propus passar a direcção musical ao Gonçalo Marques (onde estive de 2012 a 2013), apresentando também ele repertório seu, original. Por falta de maior disponibilidade por parte do Gonçalo, propus-me à direcção do Hot voltar, com a promessa de trabalhar no espaço de 6 meses num novo repertório e garantir a edição de um novo álbum.

E assim foi. Ao fim de alguns concertos fomos para o estúdio e, em Setembro passado, apresentámos o novo disco: “Vol. 2”. Desta nova segunda leva também com os músicos Joana Machado, Ricardo Toscano, João Pereira e Romeu Tristão. Desde Outubro e, até ver, estaremos na última quarta-feira de cada mês a tocar na nossa casa (o Hot Clube), a partir das 22h30 e, até Dezembro, com entrada livre. Tocaremos repertório do novo “Vol. 2” e, em primeira mão, algumas novidades já a pensar, quem sabe, no “Vol. 3”.

Pedro Moreira SAXOFONE TENOR
Joana Machado VOZ
Bruno Santos GUITARRA
João Moreira TROMPETE
Ricardo Toscano SAXOFONE ALTO
João Pereira BATERIA
Romeu Tristão CONTRABAIXO

© DESIGN GRÁFICO E ILUSTRAÇÃO MARIA BOUZA

Temas do CD — Vol. 2

1. Almirante Reis
2. Mau Mau Maria
3. Não quero estar aqui
4. E Agora?
5. A Bela
6. E o Monstro
7. Maria do Mar
8. 201
9. Old Lady

**À venda no Hot Clube e na
Escola de Jazz Luiz Villas-Boas**

OJÇAM LÁ ISTO

AS ESCOLHAS DE...

Binau

Ao longo dos tempos, tempos houve em que a destreza técnica (leia-se rapidez) *quasi* que impedia de se ouvir tudo o resto. Tudo o resto era a sutileza da *nuance*, a expressividade, a intenção, enfim tudo o que se liga à “alma”. Não que estas duas coisas não possam coexistir. Mas hoje estou virado para as baladas, talvez até por ser de tudo, o mais difícil de tocar.

Sem necessitar de grandes recursos técnicos, em geral, fica totalmente dependente da capacidade de criar a “emoção”.

1. THE COMPLETE HOT FIVE AND HOT SEVEN RECORDINGS

Louis Armstrong and His Savoy Ballroom Five
West End Blues / GRAV. JUN 28 – 1928

É fantástica a carga emocional logo com as primeiras notas e a fortíssima antecipação do futuro na incrível introdução com aquela cascata de notas inacreditável.

2. DUKE ELLINGTON AND HIS ORCHESTRA

Duke Ellington and His Orchestra
East St. Louis Toodle. Oo / GRAV. DEZ. 19-1927

Um dos discos que mais me marcou, toda a vida. O som “raspy” do trompete, a sonoridade “escura” da orquestra, impensável naquela época. Numa palavra, o “jungle Style” do incontornável Bubber Miley.

3. LONG LIVE THE CHIEF

Count Basie and His Orchestra
Li’l Darling / GRAV. JUL 3/4 1986

Com a Orquestra dirigida por Frank Foster, depois da morte de Basie, esta homenagem com o *hit* de Neil Hefti de 1957. O solo de Sonny Cohn é fantástico pela simplicidade e beleza. Fantástico também o “solo-arpégio” de Freddie Green, na guitarra.

4. COMPLETE SAVOY AND DIAL LIVE RECORDINGS / CD 5

Charlie Parker All Stars
Parker’s Moon / GRAV. SET 18 1948

Um dos primeiros discos de *Bebop* que ouvi. Até hoje ouço, pelo menos, uma vez por mês.



5. THE BIRTH OF THE COOL

Miles Davis Nonet
Moon Dreams / GRAV. MAI 9 1950

Obra prima da parceria Davis/Gil Evans. Obrigatório.

6. BALLADS

John Coltrane Quartet
I Wish I Knew / GRAV. 1962

Um Coltrane mal conhecido e talvez mesmo maltratado. Não o Coltrane dos Giant Steps ou do Impressions. Mas toda a emoção e expressividade de aparente facilitismo só acessível aos verdadeiros gênios. Soberbo *background* de McCoy Tyner, Jimmy Garrison e Elvin Jones.

7. AT VILLAGE VANGUARD

Bill Evans Trio
I loves you Porgy / GRAV. 1961

A arte do trio no seu melhor com Scott LaFaro e Paul Motian.

8. SASSY SWINGS AT THE TIVOLI

Sarah Vaughn
I’ll be seeing you / GRAV. 1963

A lentidão *quasi* exasperante dominada pela voz inconfundível da Sarah com uma incrível extensão, ao serviço de uma terrível emoção. A letra, também ela remetendo para milhares de emoções nas trincheiras da Guerra Mundial.

9. AND HIS MOTHER CALLED HIM BILL

Duke Ellington and His Orchestra
Blood Count / GRAV. AGOS. 28, 1967

Homenagem a Billy Strayhorn no sax alto de Johnny Hodges. Haverá emoção maior do que a saudade?

10. LIVE AT BUBBA’S

Art Blakey and the Jazz Messengers
My Funny Valentine / GRAV. OUT. 11, 1980

Wynton Marsalis aos 18 anos. Como é possível! Que imaginação! Que expressividade! Que maturidade! O *feeling* do Jazz como os Messengers nos habituaram.

POST-IT

MEMÓRIAS DO HCP

Por **Inês Cunha**



Concerto comemorativo no Hot Clube © Mário Ferreira, 2015

Músicos:

Manuel Jorge Veloso BATERIA

António José de Barros Veloso PIANO

Bernardo Moreira CONTRABAIXO

Ricardo Toscano SAXOFONE E TROMPETA

Pedro Moreira SAXOFONE

João Moreira TROMPETA

Filipe Melo PIANO

Bruno Santos GUITARRA

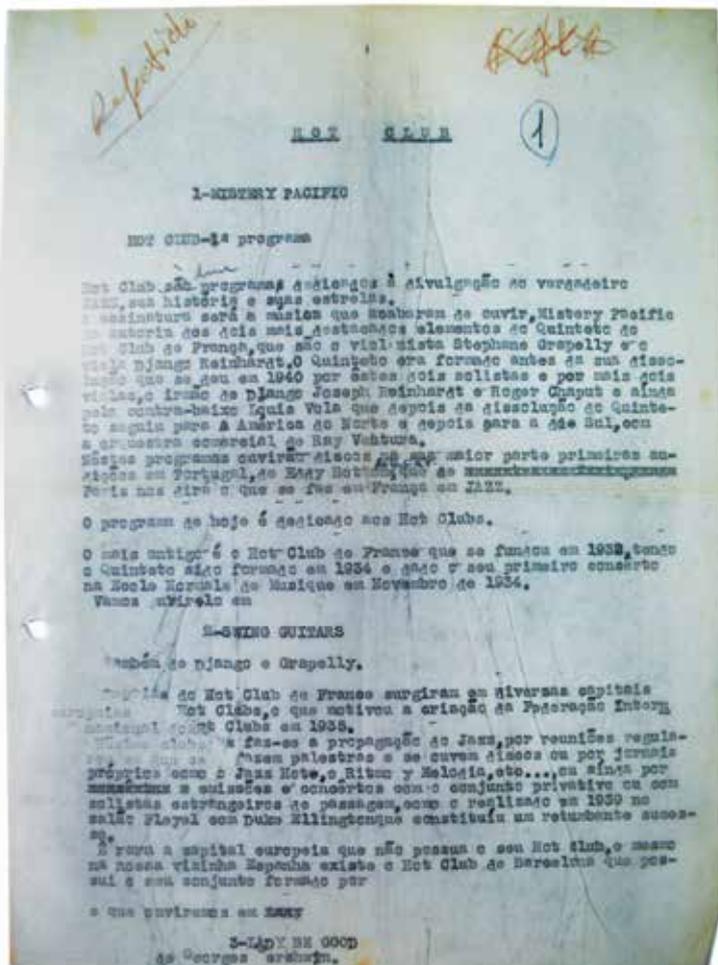
No passado dia 25 de novembro de 2015 comemorámos os 70 anos da emissão do primeiro programa de rádio sobre jazz feito em Portugal. Emitido nesse mesmo dia, em 1945, como sempre pela mão do Luiz Villas-Boas, esse programa foi o pontapé de saída para a criação do Hot Clube.

A Antena 2 juntou-se a estas comemorações com uma reprodução desse mesmo programa, com base no guião original que existe no nosso núcleo museológico.

Na época, a censura obrigava a que todos os programas fossem previamente escritos e revistos por eles. Este facto permitiu que no Hot existam cerca de 800 guiões de programas de rádio, que incluem todas as indicações para a emissão do programa incluindo referência aos discos que eram ouvidos.

O programa de rádio, que foi para o ar no passado dia 25 de Novembro, pelas 18h, está online neste link: <http://www.rtp.pt/play/p396/e215088/especial>

Inês Cunha



Guião original do primeiro programa de rádio sobre jazz, a 25 de novembro de 1945